



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ**  
**INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL –**  
**IPPUR**

**Segregação Urbana e Educação Infantil:**  
**Estudo de caso com crianças e adolescentes do Projeto Socioeducativo “Casa**  
**Reviver”**

**KARINA DA SILVA**

**RIO DE JANEIRO**  
**2017**

KARINA DA SILVA

**Segregação Urbana e Educação Infantil:  
Estudo de caso com crianças e adolescentes do Projeto Socioeducativo “Casa  
Reviver”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Política e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte do requisito necessário a obtenção do título de Especialista.

ORIENTADOR:

---

Prof. Dr. Orlando Alves dos Santos Jr.

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – IPPUR

PROFESSOR (A) EXAMINADOR (A):

---

Prof.

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – IPPUR

*“Diz em que cidade você se encaixa,  
Cidade alta ou cidade baixa, diz?”  
(BaianaSystem)*

## **Introdução**

O presente artigo tem como foco de análise a relação entre a segregação urbana sócio-espacial e a educação básica da rede pública na cidade de Niterói. Para tal análise, é proposto um estudo de caso realizado com crianças e adolescentes matriculados em um Projeto Socioeducativo chamado “Casa Reviver”, localizado no bairro Morro do Estado. Introdutoriamente, ressalto que tal relação precisa ser pensada em um contexto de consequências da industrialização e do crescimento capitalista, onde criou-se um cenário que propiciou o surgimento de locais marcados por marginalismos e sub-habitações (VELHO, 1967).

Os argumentos que serão trazidos para observarmos este estudo de caso apontam para a distribuição espacial que ocorre nas cidades marcadas por segregação espacial e social. O texto encontra-se estruturado em quatro sessões. Primeiramente, será apresentado um debate teórico em torno da segregação sócio-espacial, trazendo este debate para a questão da educação. Na segunda sessão, o contexto social e urbano do Morro do Estado será aprofundado. Na terceira parte será apresentado o papel do Projeto Socioeducativo Casa Reviver e o perfil sociológico dos seus alunos e dos responsáveis que fizeram as matrículas de cada um deles.

A última parte do artigo, uma tentativa de conclusão, ou do que é preferível chamar de “considerações finais”, consiste em uma breve análise de desempenho de duas escolas e dos estudantes da Casa Reviver. E também de apontamentos provenientes da análise dos dados apresentados ao longo do texto e de relatos do campo, à luz da bibliografia utilizada.

No início de cada ano, desde 2009, a Casa Reviver aplica um questionário socioeconômico aos responsáveis pelos alunos no momento de sua matrícula. Através deles, foram criados os quadros de análise que aparecerão ao longo do desenvolvimento desse artigo. Na tentativa de juntar diferentes tradições de trabalho, através de uma flexibilidade metodológica, para dar conta do campo em questão, inserido em um meio urbano complexo. A metodologia utilizada nesta pesquisa consiste então, de uma investigação empírica somada a análise de questionários sócio habitacionais, atrelados a uma profunda reflexão teórica.

As perguntas que integraram o questionário ajudaram na construção do cenário habitacional dos alunos, criando dados que possibilitaram a construção de um perfil sociológico das crianças e adolescentes do Projeto e de seus pais. Possibilitando assim, uma relação com a bibliografia levantada acerca do tema da segregação urbana e educação, com foco nas trajetórias.

Também serão fonte de consulta reportagens de jornais; e os resultados oficiais do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de 2015, a fim de analisarmos o desempenho de cada uma das escolas mais frequentadas pelas crianças e adolescentes da Casa Reviver.

Partindo da consciência que a desigualdade social é uma construção da própria sociedade, onde, em meio a disputas por poder, determinados grupos são inferiorizados para que outros se mantenham dominantes; este artigo pretende fornecer elementos para fomentar o debate acerca das condições sociais do grupo em análise. Crianças e adolescentes moradoras de um lugar marcado por um relativo abandono político-estatal. Um lugar dotado de uma pobreza que tem como característica a dificuldade de acesso a direitos sociais e a bens públicos e privados. Resultados de mudanças proporcionadas pela globalização, como o fortalecimento das lógicas – excludentes – de mercado e o enfraquecimento da política representativa.

Este estudo de caso visa tratar desses processos sociais em sua dimensão territorial. Propõe-se pensar em como a estrutura físico-espacial da cidade reproduz e mantém desigualdades; contribuindo para a visibilização dos processos que constituem a segregação imposta a esses moradores. Veremos como a exclusão social impacta as dinâmicas familiares, que acarreta consequências na relação dos jovens com a escola.

Ao mesmo tempo, considerando a cidade como um produto da natureza humana, como afirma o sociólogo Robert Ezra Park: “a cidade está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem” (1967). Além da organização física, a cidade possui uma organização moral que molda as interações que ocorrem em seus territórios. Sendo assim, colocam-se as questões, quais são as características do local onde estes indivíduos residem que os acompanham de forma estigmatizante pela cidade e seus espaços? E como superar esta estes processos de estigmatização através de um acesso democrático a uma educação de qualidade?

E por fim, esta pesquisa – mais do que uma contribuição ao debate teórico – também pretende ser um fôlego à políticas públicas que buscam a diminuição de desigualdades sociais na chave da educação. Ao olharmos para o espaço ocupado por esse

grupo e para a forma que eles o habitam devemos estar atentos nas implicações que daí derivam e afetam seus processos de escolarização.

### **1. O debate em torno da Segregação Sócio-espacial e Educação**

Ao pensarmos a respeito do surgimento e crescimento das cidades não há como não percebermos que os processos de urbanização estão atrelados a um processo de concentração territorial de segmentos empobrecidos. Os pesquisadores Luiz César de Queiroz Ribeiro e Ruben Kaztman (2008) assumem esse posicionamento, argumentando sobre o papel que a globalização exerce nesse sentido. Segundo os autores, o modelo de organização sócio-produtiva característico da globalização gera a concentração territorial da pobreza criando meios de reprodução de desigualdades.

O livro “*A Cidade Contra Escola?*” (RIBEIRO e KAZTMAN, 2008) nos aponta uma série de elementos que fazem com que a concentração territorial da pobreza ganhe forma de segregação residencial, dentro do modelo sócio-produtivo imposto pela globalização. Liberalização do mercado imobiliário, segmentação do mercado de trabalho, enfraquecimento do papel do Estado na regulação do solo urbano, fragilização dos direitos sociais, privatização de serviços públicos como a saúde e a educação.

Os fatores citados acima são exemplos de processos que atingem os bairros mais pobres, promovendo o isolamento social deles dentro da cidade. Ribeiro aprofunda essa questão no prefácio ao livro “*Os Condenados da Cidade*” de Loïc Wacquant. Em seu texto, ele afirma que a população pobre tem sido “condenada ao cárcere de um ambiente social e cultural que incentiva a prática da violência” como um recurso de sobrevivência. E dentro desse cenário, os jovens seriam os mais fortemente atingidos com a ilusão de um certo reconhecimento social. Sendo eles marginalizados na divisão social do trabalho e vivendo cotidianamente em uma economia da pobreza (e não de mercado), suas práticas adquiririam características do capitalismo predatório (como drogas e roubo).

Ribeiro e Kaztman falam sobre três dimensões de isolamento. O primeiro é o isolamento físico, a própria materialidade do espaço e sua morfologia urbana dificulta sociabilidades urbanas entre diferentes classe; limitando as trocas e interações para dentro dos próprios grupos.

Os autores associam a distância territorial que configura o espaço das cidades à ideia de distância social. A relação entre as estruturas do espaço físico com as estruturas do espaço social foi proposta por Bourdieu ao analisar os “*Efeitos de Lugar*” (1997). Os

espaços sociais seriam aqueles que teriam a maior influência nas práticas de exclusão e distinção, pois é a partir deles que ocorre a distribuição dos bens no espaço. E conseqüentemente, a distribuição dos grupos sociais. Visto que, conforme o autor, a capacidade de se apropriar de um espaço (e dos bens que ele promove) depende do capital que os indivíduos (ou classes sociais) possuem.

A segunda dimensão do isolamento residencial é sociocultural; a segregação territorial resulta em uma polarização social que cria subculturas locais; afirmam os autores. Mais uma vez, Bourdieu entra em cena; posto que Ribeiro e Kaztman afirmam que este fenômeno da subcultura seria uma forma de resistência a violência simbólica imposta as classes pobres. Porém, os artigos que compõem “*A Cidade Contra a Escola?*” e a pesquisa a qual este artigo se refere nos levam a questionar essa ideia de resistência. Tendo em vista que certos espaços demandam a posse de determinado capital cultural, e a falta dele enclausura os indivíduos ou os grupos sociais em outros espaços. (BOURDIEU, 1997)

A terceira e última dimensão do isolamento proposta no livro citado acima é a política. Os grupos mais pobres teriam um acesso subalternizado aos direitos civis e políticos.

Ao olhar para a maneira cujo os grupos sociais se distribuem pela cidade, os autores perguntam qual a contribuição que ela daria para a construção de uma sociedade mais ou menos integrada, baseada em princípios de equidade. Uma proposta para essa reflexão é olhar para os efeitos que os contextos sociais de bairros pobres causam no desempenho educativo de crianças e adolescentes. A fim de trazer elementos para promoção da diminuição da desigualdade através da democratização do acesso a uma educação de qualidade.

O contexto socioeconômico de origem dos alunos tem sido determinante na escolarização dos mesmos. Visto que o habitat define o *habitus* (disposições), nas palavras de Bourdieu. Dessa forma, é preciso combater as desigualdades de origem dos estudantes para democratizar os processos educacionais. As crianças e adolescentes de bairros pobres (como o Morro do Estado), chegam em suas escolas carregados de características específicas que lhes são atribuídas pelo local que nasceram; e principalmente pelo local que residem. E tais características são determinantes na conformação de atributos necessários a um bom desempenho escolar. (NÉSTOR, 2008)

Os autores que estão na base argumentativa dessa sessão falam sobre a importância da análise das famílias dessas crianças e adolescentes dentro da análise dos

efeitos da composição social do bairro sobre a educação desses estudantes. Famílias com poucos laços com o mercado de trabalho ou que vivenciam diversas situações de desestruturação (como o próprio fracasso escolar de algum de seus membros) acabam fortalecendo as práticas de segregação sócio-espacial.

A trajetória e a posição desses alunos na sociedade interferem diretamente na forma que passarão pelos processos educacionais. Seja pela não escolarização dos seus pais e os subempregos destes, ou pelas condições precárias de suas moradias às vezes super-habitadas, ou ainda pelo próprio isolamento territorial em que vivem. A falta de capitais econômico, cultural e social são ferramentas que promovem injustiças sobre esses estudantes.

A escola é influenciada pelo bairro. Os bairros pobres, habitados por uma classe social que apresenta dificuldade de se inserir no modelo sócio-produtivo vigente, acabam por concentrar elementos que dificultam que a instituição escola se torne um agente democrático de socialização e de transmissão de capital cultural na cidade. E dessa forma, a escola acaba se tornando mais um fator de segregação urbana. Muito embora, como temos visto até aqui, a educação tenha um potencial de visibilizar diversos elementos que causam e mantém as desigualdades sociais.

A expectativa que a sociedade coloca na educação como uma chave para diminuição das desigualdades, acaba se tornando um discurso vazio. Visto que as condições reais de oportunidades práticas são escassas. Essas crianças e adolescentes não conseguem atingir as “metas culturais homogêneas” (RIBEIRO e KAZTMAN, 2008, p.31) porque suas origens socioculturais não correspondem com estas. A segregação habitacional dificulta o acesso a serviços e bens (como a educação) que concretizariam o ideal de igualdade social.

Os bairros pobres (muitas vezes expressos nos termos favelas e comunidades) sofrem processos de estigmatização territorial que fortalecem o isolamento sociocultural de seus habitantes, atingindo fortemente crianças e adolescentes. A violência simbólica, expressa por exemplo nas representações que são feitas pela mídia e adotadas pelo senso comum, exerce um papel que segmenta o acesso ao capital escolar e diferencia a qualidade das escolas. Dificultando assim, a ascensão social e mantendo o *status quo*. Uma vez que a segregação nega o acesso aos mais diversos conhecimentos, o desenvolvimento pleno dos estudantes como cidadãos é impossibilitado.

Por fim, mais uma vez é válido ressaltar a necessidade de que as políticas educacionais sejam pensadas juntamente com uma análise urbana a respeito da

segregação sócio-espacial. Isso porque, essa segregação não possibilita que todas as crianças e adolescentes da cidade cheguem a escola dotados dos mesmos elementos necessários ao aprendizado. A escola precisa ser pensada focando nas características próprias dos alunos que ela recebe e do local onde ela se insere. Para que então assim, a educação seja de fato uma ferramenta de mudança social.

## 2. O Morro do Estado, uma aproximação com sua realidade sócio-espacial



É preciso apresentar o contexto onde se insere o estudo de caso em análise. A Casa Reviver, organização não governamental fundada em 06/06/2006, se encontra no bairro chamado Morro do Estado. Localizado no centro da cidade de Niterói, região leste metropolitana do estado do Rio de Janeiro.

O Morro se tornou um bairro em 1986<sup>2</sup>; porém, nos 64 questionários socioeconômicos aplicados aos responsáveis pelas matrículas das crianças e adolescentes no início de 2016, apenas 2 pessoas declararam o Morro como seu bairro. E nos 81 aplicados no início desse ano, apenas 3. A maioria indicou no lugar de Morro do Estado, os bairros adjacentes (São Domingos e Ingá), mas principalmente o “centro”. O sociólogo francês Loïc Wacquant afirma que as mais diversas sociedades possuem um termo específico que utilizam para denominar bairros estigmatizados. Os termos usualmente

<sup>1</sup> Imagem: Google Maps. – em vermelho encontra-se delimitado o bairro Morro do Estado. Os pontos amarelos marcam a Casa Reviver e a Escola Municipal Ayrton Senna (dentro do bairro) e o Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho (no Centro).

<sup>2</sup> Decreto Municipal Nº 4895/1986.

utilizado, por moradores e não moradores, em referência ao Morro em questão são: “favela” ou “comunidade”.

Segundo o autor citado acima, as favelas estariam na base hierárquica das regiões da metrópole e seriam um lugar onde problemas sociais se concentram. Um lugar onde há – ou comumente se acredita ter – excessos de crimes, violência, vícios e desintegração social. Porém, uma das maiores contribuições que o livro “*Os Condenados da Cidade*” nos traz é que, diante da mistura de famílias com trabalhadores de baixa renda, de imigrantes e de minorias, não podemos considerar a “marginalidade urbana” como algo com um significado amplo e universal. Ela possui significados contextuais.

Wacquant cria um retrato básico das favelas no Brasil. Afirma que elas constituem, muitas vezes, áreas estáveis de sólida integração da classe trabalhadora dentro da cidade. Onde seus habitantes viveriam primordialmente da economia informal. E seria um local marcado por atividades criminosas. Fazendo assim que o grupo que habita esse território ganhe um estigma coletivo. O Morro do Estado vivencia essa realidade. As crianças e os adolescentes do local também carregam consigo esse estigma, dificultando uma ampliação de suas perspectivas educacionais, por exemplo.

O autor propõe uma análise histórica, de classe e do sistema hierárquico específico a cada sociedade para refletir sobre a questão da marginalidade. Olhando para as análises realizadas por ele, acredito que podemos nos inspirar na busca por enxergar a condição social dos agentes que habitam locais segregados, como o Morro do Estado. Partindo da análise da condição social dos atores inseridos na Casa Reviver, para chegarmos nos desdobramentos coletivos contextuais mais amplos.

A primeira tentativa de fazermos tal análise é olharmos para as rendas mensais declaradas pelos responsáveis pela matrícula dos alunos do Projeto socioeducativo. É importante ressaltar que essa renda se refere ao somatório total de todos os moradores do domicílio, e não do responsável individualmente. Segue as rendas de cada habitação declaradas nos respectivos anos.

-	<b>2009</b> (salário mínimo mínimo R\$465,00)	<b>2010</b> (salário mínimo R\$510,00)	<b>2016</b> (salário mínimo R\$880,00)	<b>2017</b> (salário mínimo R\$937,00)
Sem renda fixa	<b>3</b>	0	<b>7</b>	<b>37</b>
<1 S.M.	<b>4</b>	<b>9</b>	<b>3</b>	<b>6</b>
=1 S.M.	<b>6</b>	<b>5</b>	<b>7</b>	<b>15</b>
>1 S.M.	12	10	7	11
<2 S.M.	8	5	7	2
=2 S.M.	0	0	13	6
>2 S.M.	7	6	18	3
*Respostas em branco*	*8*	*10*	*2*	*1*

Total	48	45	64	81
-------	----	----	----	----

(Fonte: questionário aplicado junto aos pais dos alunos, Casa Reviver, 2009, 2010, 2016 e 2017)

Em vermelho, podemos observar o número de alunos matriculados na Casa Reviver que moram em residências com renda familiar com no mínimo um salário mínimo<sup>3</sup> ou menos, e a quantidade de residências sem renda mensal fixa

Em “*Os Condenados da Cidade*” somos levados a pensar em políticas sociais para combater a marginalidade que se afastem da dominação do mercado e criem outros mecanismos de subsistência a partir de uma renda básica. Pois, como afirma Luiz Cesar Ribeiro de Queiroz em seu prefácio, as periferias urbanas se encontram distanciadas da lógica da sociedade de mercado econômica, política e culturalmente. O Bolsa Família (programa federal de distribuição de renda), possui tais características apontadas pelos autores. Esse programa tem assistido os responsáveis das crianças e adolescentes da Casa Reviver nos últimos anos.

2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
48 alunos	45 alunos	75 alunos	61 alunos	56 alunos	72 alunos	75alunos	64 alunos	81 alunos
<b>12 PBF</b>	<b>19 PBF</b>	<b>25 PBF</b>	<b>23 PBF</b>	<b>24 PBF</b>	<b>26 PBF</b>	<b>1 PBF</b>	<b>23 PBF</b>	<b>22 PBF</b>

(Fonte: questionário aplicado junto aos pais dos alunos, Casa Reviver, 2009 a 2017)

Podemos pensar em fatores econômicos e/ou políticos que determinam e agravam a segregação, posto que as práticas institucionais, como visto na sessão anterior, criam lógicas de segregação em diferentes níveis. Um fator a ser levado em conta é a penetração do Estado (em suas diferentes formas). No Morro há um posto de saúde, uma escola municipal e um batalhão da polícia militar. Porém, como se sabe desde os estudos realizados por Robert Park, é a dinâmica imobiliária que determina majoritariamente os valores da terra; baseados em seus próprios interesses, classificando e segregando assim as populações das grandes cidades. Excluindo uma parcela da população de áreas com elevado valores de terra, e aprisionando as classes pobres em locais associados a marginalidade e vícios.

O sociólogo brasileiro, Luiz Cesar Ribeiro, analisa as favelas no Brasil em comparação com as preposições do sociólogo francês acerca dos guetos norte-americanos e das periferias francesas. Segundo Ribeiro, as favelas concentram as camadas pobres majoritariamente não-brancas e apresentam altas taxas de desemprego<sup>4</sup>. Ele reforça a

<sup>3</sup> Histórico do Salário Mínimo Nacional: 2009-R\$465,00 / 2010-R\$510,00 / 2011-R\$545,00 / 2012-R\$622,00 / 2013-R\$678,00 / 2015-R\$788,00 / 2016-R\$880,00 / 2017-R\$937,00.

<http://www.previdencia.gov.br/servicos-ao-cidadao/informacoes-gerais/historico-valor-salario-minimo-teto-contribuicao/> (acessado em 19/12/2017)

<sup>4</sup> Taxa de desemprego entre os responsáveis pelos alunos da Casa Revive em 2017: **35,80%**. (Fonte: questionário aplicado junto aos pais dos alunos em janeiro de 2017.)

ideia que as favelas adquiriram certa estabilidade, principalmente no Rio de Janeiro. E nos leva a atentar para diferenciação das favelas em áreas centrais e áreas periféricas da cidade.

O Morro do Estado se encontra no centro de Niterói, como já foi dito. Sendo assim, embora marginalizados, seus moradores mantêm maiores relações de trocas com a sociedade de forma mais ampla. Veremos abaixo, a composição dos principais empregos dos responsáveis pelas crianças e adolescentes da Casa Reviver. Foram considerados os questionários aplicados de 2009 até 2015, e destacados os empregos que apareciam no mínimo 10 vezes no somatório das profissões ao longo desses sete anos.

<b><u>Trabalho da mãe:</u></b>	<b><u>Trabalho do pai:</u></b>
• doméstica	• garçom
• atendente	• desempregado
• copeira	• flanelinha/manobrista/guardador de carro
• diarista/faxineira	• moto táxi/moto frentista/motoboy
• cozinheira	• cozinheiro
• ajudante de cozinha	• pedreiro/ajudante de pedreiro/obras
• serviços gerais	• trocador ou motorista
• dona de casa/do lar	• auxiliar de serviços gerais
• autônoma	• segurança/vigia
• desempregada	-

(Fonte: questionário aplicado junto aos pais dos alunos, Casa Reviver, 2009 a 2015)

Ribeiro constata que a maioria dos “favelados” no Rio de Janeiro trabalha fora da favela. Muito embora, como vimos acima, destacamos o prevalecimento de empregos voltados para mão de obra e com baixa remuneração.

A estigmatização territorial acarreta efeitos nas estruturas locais e moldam as consciências e práticas dos moradores, pois como aponta Bourdieu, as estruturas físicas e sociais se inscrevem nas estruturas mentais dos indivíduos. Ribeiro constata a forma como as grandes cidades se organizam, sua excelente análise apresenta concretude em Niterói. A relação da proximidade física e da distância social (bem próxima, ao meu ver, da análise bourdieusiana exposta na sessão anterior) moldam as práticas sociais da cidade. Os pobres são segregados como tem sido apontado até aqui, mas é válido ressaltar que as elites econômicas (brancas) também se segregam – em condomínios, por exemplo – acentuando sua diferenciação com a camada pobre e negra da população. Sendo assim, mesmo em face de um proximidade física, as distâncias sociais se mantêm reforçando as segregações urbanas, pois “cada um sabe o seu lugar no espaço social” (RIBEIRO, 2001, p. 16)

### 3. A proposta da Casa Reviver e uma aproximação com as famílias que ela atende

Características da população estudada:								
2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
<b>48</b> <b>alunos</b>	<b>45</b> <b>alunos</b>	<b>75</b> <b>alunos</b>	<b>61</b> <b>alunos</b>	<b>56</b> <b>alunos</b>	<b>72</b> <b>alunos</b>	<b>75</b> <b>alunos</b>	<b>64</b> <b>alunos</b>	<b>81</b> <b>alunos</b>
5-17 anos	3-17 anos	5-16 anos (11 adultos)	5-15 anos	6-17 anos	5-17 anos	6-17 anos	6-17 anos	5-15 anos
<b>2016</b>								
<b>Séries:</b> 1ºano do Ensino Fundamental até 3ºano do Ensino Médio								
<b>Escolas:</b>								
<u>Municipais:</u> <i>E.M. Ayrton Senna (Morro do Estado) – 28</i> <i>E.M. Alberto Francisco Torres (Centro) – 8</i> <i>E.M. Paulo de Almeida Campos (Icaraí) – 1</i> Particulares: 1					<u>Estaduais:</u> <i>I.E.P. Ismael Coutinho (São Domingos) – 16</i> <i>C.E. Pinto Lima (Centro) – 7</i> <i>C.E. Aurelino Leal (Ingá) – 2</i> Não matriculado: 1			
<b>2017</b>								
<b>Séries:</b> 1ºano do Ensino Fundamental até 1ºano do Ensino Médio								
<b>Escolas:</b>								
<u>Municipais:</u> <i>E.M. Ayrton Senna (Morro do Estado) – 29</i> <i>E.M. Alberto Francisco Torres (Centro) – 16</i> <i>E.M. Paulo de Almeida Campos (Icaraí) – 2</i> <i>E.M. Julia Cortines (Icaraí) – 1</i> Particulares: 3					<u>Estaduais:</u> <i>I.E.P. Ismael Coutinho (São Domingos) – 18</i> <i>C.E. Pinto Lima (Centro) – 3</i> <i>C.E. Aurelino Leal (Ingá) – 2</i> <i>C.E. Joaquim Távora (Icaraí) – 1</i> Respostas em branco: 2			
						*Creches: 2		

(Fonte: questionário aplicado junto aos pais dos alunos, Casa Reviver, 2009 a 2017)

Entre os 64 alunos matriculados no Projeto Casa Reviver no início de 2016 e os 81 matriculados no início desse ano, apenas uma aluna não é moradora da cidade de Niterói. Todos os outros alunos que frequentam o Projeto residem no complexo do Morro do Estado. O Projeto socioeducativo é uma organização não governamental que atende seus alunos no contra turno escolar, de terças-feiras as sextas-feiras, há 11 anos. A Casa foi criada por um ex-morador do Morro do Estado e atualmente vem desenvolvendo suas atividades com apoio da comunidade, estudantes universitários, igrejas protestantes e amigos colaboradores, através de ações voluntárias e apoio financeiro. O projeto oferece semanalmente atividades que contemplam as áreas de teatro, circo, rodas de histórias com princípios éticos, esportes, visitas a teatros, cinemas e eventos culturais, e oficinas que abrangem as diversas áreas do conhecimento.

O Projeto afirma ter como objetivo potencializar os talentos dos seus alunos muitas vezes escondidos pela falta de oportunidades no contexto em que vivem. O que segundo Georg Simmel é um dos grandes problemas da vida moderna urbana, o indivíduo

conseguir escapar das esmagadoras forças sociais e de heranças históricas que limitam a expressão de sua individualidade e autonomia (1967).

No Morro do Estado há divisões territoriais, a Casa Reviver está situada em uma área denominada “Comando dos Paraíbas” (CP) – local onde reside a maioria dos alunos atendidos pelo Projeto. Este nome faz referência à grande quantidade de moradores oriundos do nordeste do Brasil. Principalmente do estado do Ceará. O fundador da Casa Reviver também é filho de uma mulher nordestina. Segue abaixo o quadro que apresenta a naturalidade dos alunos da Casa.

<b>Naturalidade 2016:</b> (total 64)	<b>Naturalidade 2017:</b> (total 81)
Rio de Janeiro – 60	Rio de Janeiro – 68
Ceará – 3	Ceará – 4
Espírito Santo – 1	Espírito Santo – 1
-	Em branco – 8

(Fonte: questionário aplicado junto aos pais dos alunos, Casa Reviver, 2016 e 2017)

Ribeiro nos fala da característica que as favelas nas grandes metrópoles possuem de ser um lugar de residência de imigrantes. E ainda de ser uma porta de entrada para trabalhadores oriundos de outros lugares terem acesso às melhores condições vida na cidade. Park já havia apontado para essa questão, ele afirma que as condições da vida cidadina leva os trabalhadores a se mudarem a procura de um emprego que estejam aptos a realizarem. Na sessão anterior, vimos os empregos que abrangem os pais desses alunos, moradores do Morro.

Abaixo podemos contemplar a proporção de responsáveis pelas crianças e adolescentes da Casa Reviver que não moram no Morro desde seu nascimento. E nos quadros seguintes veremos os principais motivos apontados por eles acerca da causa da sua mobilidade.

-	<b>2016:</b>	<b>2017:</b>
Nascidos no Morro do Estado	40	47
Vieram de outro lugar	23	32
<b>Total de migrados:</b>	<b>35,93</b>	<b>39,40</b>
<i>Em branco:</i>	<i>1</i>	<i>2</i>

(Fonte: questionário aplicado junto aos pais dos alunos, Casa Reviver, 2016 e 2017)

Dos 23 responsáveis que em 2016 afirmaram não terem nascidos no Morro do Estado, obtemos tais respostas para a pergunta: “*Motivo da vinda para esse local*”.

- Perto da Família / Acompanhar o marido / Separação do marido / Mudança devido a casamento / Familiares
- Emprego / Procura de emprego / Busca de emprego / Trabalho
- Ex-presidiária, deixou o abrigo que estava morando por ver na comunidade uma oportunidade de moradia acessível.
- Não sabe dizer, pois veio muito nova.

(Fonte: questionário aplicado junto aos pais dos alunos, Casa Reviver, 2016)

E as respostas obtidas entre os 32 responsáveis, em 2017, que não nasceram no local, foram:

- Por oportunidades de emprego / Atrás de um emprego / Trabalho
- Aprendizagem / Estudo
- Os pais são do local / Parente que arrumou / Relacionamento amoroso / Casou-se com morador da comunidade
- Maior proximidade do trabalho do pai da criança
- Casa própria
- Não sabe dizer, pois veio com três anos de idade / Veio assim que nasceu
- Veio do Ceará atrás de melhores condições de vida / Foi ao Ceará apenas ter o filho e voltou
- Interesse nas atividades esportivas e no reforço escolar

(Fonte: questionário aplicado junto aos pais dos alunos, Casa Reviver, 2017)

Afim de nos aproximarmos mais ainda das famílias que a Casa Reviver atende, olhemos para o quadro abaixo que aponta os índices de escolaridade das pessoas adultas que vivem na mesma habitação que os alunos do Projeto. Informações que foram obtidas no início desse ano. Para os fins desejados nesse artigo, é preciso ter em mente que “*a composição do grupo familiar, a trajetória social e educacional de seus membros adultos e o capital social dos mesmos são fatores determinantes do lugar que ocupam no mundo do trabalho*” (LÓPEZ, 2008, p.333) E de tal formar, vão influenciar também a inserção das crianças e adolescentes nos seus processos educacionais – de aprendizado e assimilação. Isto porque elas aprendem com os adultos em todas as práticas sociais, desde o nascimento.

	<u>ADULTO 1</u> (responsável pela matrícula do aluno, total = 81)	<u>ADULTO 2</u>	<u>ADULTO 3</u>	<u>ADULTO 4</u>
Não Alfabetizado	-	<b>1</b>	<b>1</b>	-
Ensino Fundamental Incompleto	<b>53</b>	<b>13</b>	-	-
Ensino Fundamental Completo	19	1	-	-
Ensino Médio Incompleto	1	8	4	1
Ensino Médio Completo	8	11	7	-
Graduação	-	1	-	-

(Fonte: questionário aplicado junto aos pais dos alunos, Casa Reviver, 2017)

Acima, em vermelho, destaco o número de responsáveis que, ao efetuarem a matrícula da criança ou adolescente, declararam não ter concluído o Ensino Fundamental. Esse número corresponde a **65,43%** do total dos responsáveis pelos alunos da Casa no último ano.

Ainda traçando o perfil dessas mães e pais, aprofundo a questão acerca da busca pela casa própria. O quadro abaixo apresenta os índices dos responsáveis que concretizaram tal ambição:

-	<b>Domicílios próprios:</b>	Domicílios alugados:	Domicílios cedidos:	Posse:	Outros:	Respostas em branco:
<b>2009</b> (48 questionários)	<b>70,83%</b> (34)	7	2	1	2	2
<b>2010</b> (45 questionários)	<b>75,55%</b> (34)	9	1	-	-	1
<b>2011</b> (75 questionários)	<b>78,66%</b> (59)	10	2	-	-	4
<b>2012</b> (61 questionários)	<b>63,93%</b> (39)	8	5	-	-	9
<b>2013</b> (56 questionários)	<b>67,85%</b> (38)	13	-	-	-	5
<b>2014</b> (72 questionários)	<b>70,83%</b> (51)	13	-	-	-	8
<b>2015</b> (75 questionários)	<b>58,66%</b> (44)	16	1	1	-	13
<b>2016</b> (64 questionários)	<b>59,37%</b> (38)	22	3	-	-	1
<b>2017</b> (81 questionários)	<b>70,37%</b> (57)	24	-	-	-	0

(Fonte: questionário aplicado junto aos pais dos alunos, Casa Reviver, 2009 a 2017)

Em sequência, é válido olharmos para o tipo de habitação que vivem os alunos da Casa Reviver:

-	<b>2016</b> (total 64)	<b>2017</b> (total 81)
casa	57	73
quitinete	6	7
cômodo	1	1

(Fonte: questionário aplicado junto aos pais dos alunos, Casa Reviver, 2016 e 2017)

Como temos visto até então, um dos pontos traçados por este artigo mostra uma busca por uma reflexão acerca dos possíveis impactos na vida dessas crianças e adolescentes oriundos da relação entre a habitação deles com a cidade, enfatizando os aspectos educacionais. Já vimos o tipo e a situação da habitação em referência a sua aquisição. Proponho agora que analisemos a quantidade de cômodos em cada domicílio, em relação à quantidade de pessoas que nele habitam.

<b>2016</b>		
Nº de cômodos	<b>Habitantes &gt; Cômodos</b>	Habitantes < Cômodos
2	<b>2</b>	-
3	<b>10</b>	1
4	<b>7</b>	7
5	<b>8</b>	14

6	<b>2</b>	5
7	-	2
8	-	3
9	-	2
<b>Total=</b>	<b>29</b>	34
(1 resposta em branco)	-	-

(Fonte: questionário aplicado junto aos pais dos alunos, Casa Reviver, 2016)

<b>2017</b>		
Nº de cômodos	Habitantes > Cômodos	Habitantes < Cômodos
2	1	1
3	6	6
4	11	10
5	8	17

6	-	10
7	-	5
8	-	3
9	-	1
Total=	26	53
(2respostas em branco)	-	-

(Fonte: questionário aplicado junto aos pais dos alunos, Casa Reviver, 2017)

Os números em vermelho indicam habitações onde o número de pessoas excede o número de cômodos, que foi utilizado como um marcador de residência super-habitada. Em **2016**, essa parcela de alunos correspondia a **45,31%** do total e em **2017**, **32,09%**. Ou seja, das 64 crianças e adolescentes matriculados no Projeto em 2016, 29 moravam em casas minimamente super-habitadas. Já das 81 matriculadas em 2017, 26 moravam em casas assim.

A partir da visão de Wacquant a respeito de um “colapso das instituições públicas”, pretendo explorar na próxima sessão a instituição Escola. Atentaremos para o desempenho das Escolas mais frequentadas pelos alunos da Casa Reviver, uma estadual e uma municipal. Como o quadro no início da sessão aponta, são elas: Escola Municipal Ayrton Senna e Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho. Analisaremos também ao final do artigo o desempenho individual dos alunos matriculados na Reviver, em 2016 e 2017.

Ainda dentro dessa reflexão, Robert Park aponta que a vida na cidade possui a capacidade de desintegrar as mais tradicionais instituições, como família, igreja e escola. Segundo o autor, a escola na metrópole passaria a assumir funções da família. “Um novo espírito de vizinhança e comunidade tende a se organizar em volta da escola e de sua solicitude pelo bem estar físico e moral das crianças” (PARK, 1967, p. 46). Porém, devido a múltiplos reajustamentos de condições de vida na sociedade capitalista – como por exemplo, o fraco enraizamento da escola com a comunidade onde ela se insere – essas funções da escola estariam cada vez mais fracas.

A Casa Reviver tem assumido esses papéis integradores. Até mesmo o papel da igreja, dentro desse cenário; visto que o Projeto possui um setor religioso que atua em reuniões semanais chamadas células, retiros semestrais chamados “acamp” e em cafés da manhã mensais. E também devido a “missão” que afirma possuir de “ser um agente de transformação integral das famílias do Morro do Estado, a partir dos valores da comunidade, seus talentos, cultura e potencialidades”.

A Casa Reviver não pretende ser um reforço escolar, mas ela vem atuando no sentido de ampliar o leque de possibilidades de seus alunos ao acesso a diferentes

artefatos da cidade, sejam eles educacionais, culturais ou relacionais. O autor Néstor López (2008) afirma que ter acesso a diferentes recursos culturais é extremamente relevante no desempenho educacional do aluno. O capital cultural é quase tão relevante quanto o capital econômico. Podemos enxergar propostas do Projeto social nesse sentido. Buscando ampliar o consumo cultural dos seus alunos, a Casa vem realizando ao longo dos seus 11 anos diversos passeios a teatros, cinemas, museus etc. (Vide anexo)

Os alunos que frequentam o Projeto carregam aquilo que Wacquant chama de “estigma territorial impregnado” (2001, p. 195) provenientes de um discurso público sobre o Morro do Estado; que fortalece os estereótipos do senso comum em relação a favela como um lugar de ameaça. Park alerta sobre o papel que a opinião pública exerce de uma força de controle social. Sendo o jornal e a imprensa a base para a formação de tal opinião. Em uma simples busca no *google* das palavras: “Morro do Estado Niterói – RJ” obtemos notícias que reforçam os discursos citados acima.

#### CV invade o Morro do Estado em Niterói | Blog Crimes News

[crimesnewsrj.blogspot.com/2017/12/cv-invade-o-morro-do-estado-em-niteroi.html](http://crimesnewsrj.blogspot.com/2017/12/cv-invade-o-morro-do-estado-em-niteroi.html) ▼  
2 de dez de 2017 - Na noite dessa sexta-feira, traficantes do Comando Vermelho invadiram o Morro do Estado, dominado pelo Terceiro Comando Puro.

#### Morro do estado Comunidade - Página inicial | Facebook

<https://pt-br.facebook.com/morrodostadocomunidade/> ▼  
Apontado pela polícia como o líder do tráfico de drogas do Morro do Estado, no Centro de Niterói, Gabriel da Silva Barbosa, mais conhecido como Rato, de 22 anos, foi preso, na noite de terça-feira, durante uma ação conjunta de policiais da 76ª DP (Centro) e militares do 12º BPM (Niterói). Ele foi capturado junto com mais ...

#### Tiroteio termina com bandidos mortos e policiais feridos no Ingá, em ...

[odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/.../tiroteio-termina-com-bandidos-mortos-e-policiais-feri...](http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/.../tiroteio-termina-com-bandidos-mortos-e-policiais-feri...) ▼  
3 de dez de 2017 - De acordo com a PM, o setor de inteligência do 12º BPM (Niterói) receberam a informação que o traficante conhecido como “JJ”, chefe do tráfico do Morro do Palácio, teria liderado uma invasão ao Morro do Estado, em Icaraí. Armas apreendidas após confronto nas ruas de Ingá, em Niterói Divulgação.

#### Suspeito de chefiar o tráfico em morro de Niterói é morto em confronto ...

[odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/.../suspeito-de-chefiar-o-trafico-em-morro-de-niteroi-e-...](http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/.../suspeito-de-chefiar-o-trafico-em-morro-de-niteroi-e-...) ▼  
30 de mai de 2017 - Rio - Um suspeito de chefiar o tráfico no Morro do Estado, no Centro de Niterói, foi baleado em uma operação na comunidade nesta terça-feira e não resistiu aos ferimentos. Outro suspeito também foi atingido e socorrido no Hospital Estadual Azevedo Lima, também em Niterói, onde se recupera sob ...

#### Chefe do tráfico do Morro do Estado é preso em Niterói | JORNAL O ...

[www.osaogoncalo.com.br/.../chefe-do-trafico-do-morro-do-estado-e-presos-em-niteroi](http://www.osaogoncalo.com.br/.../chefe-do-trafico-do-morro-do-estado-e-presos-em-niteroi) ▼  
29 de mai de 2017 - Por Daniela ScaffoApontado pela polícia como gerente do tráfico de drogas do Morro do Estado, no Centro de Niterói, Joaci Cristiano da Silva, o JC, de 20 anos, foi preso na manhã de hoje, por agentes da 76ª DP (Centro). Segundo a polícia, o homem foi loca.

5

Na vivência de onze anos do Projeto socioeducativo podemos afirmar que tais discursos encontram menos conexões com a realidade do dia a dia do que se acredita e se propaga fora dela. Muito embora sejam esses discursos que ampliam e reforçam os estigmas impostos aos habitantes do Morro do Estado e os condenem à segregação

<sup>5</sup> <https://www.google.com.br/search?q=morro+do+estado+niteroi+rj> (acessado em 19/12/2017)

urbana. Ou ainda, o reduzam a números; como Simmel alerta ser uma tendência da metrópole urbana, sede de uma economia monetária excludente. (1967)

#### 4. Considerações Finais – algumas conclusões teóricas e analíticas

Essa sessão se insere, buscando trazer concretude e materialidade para as problemáticas levantadas. Se tornando assim, uma fonte para pensar políticas públicas e sociais voltadas para a educação inclusiva e democrática.

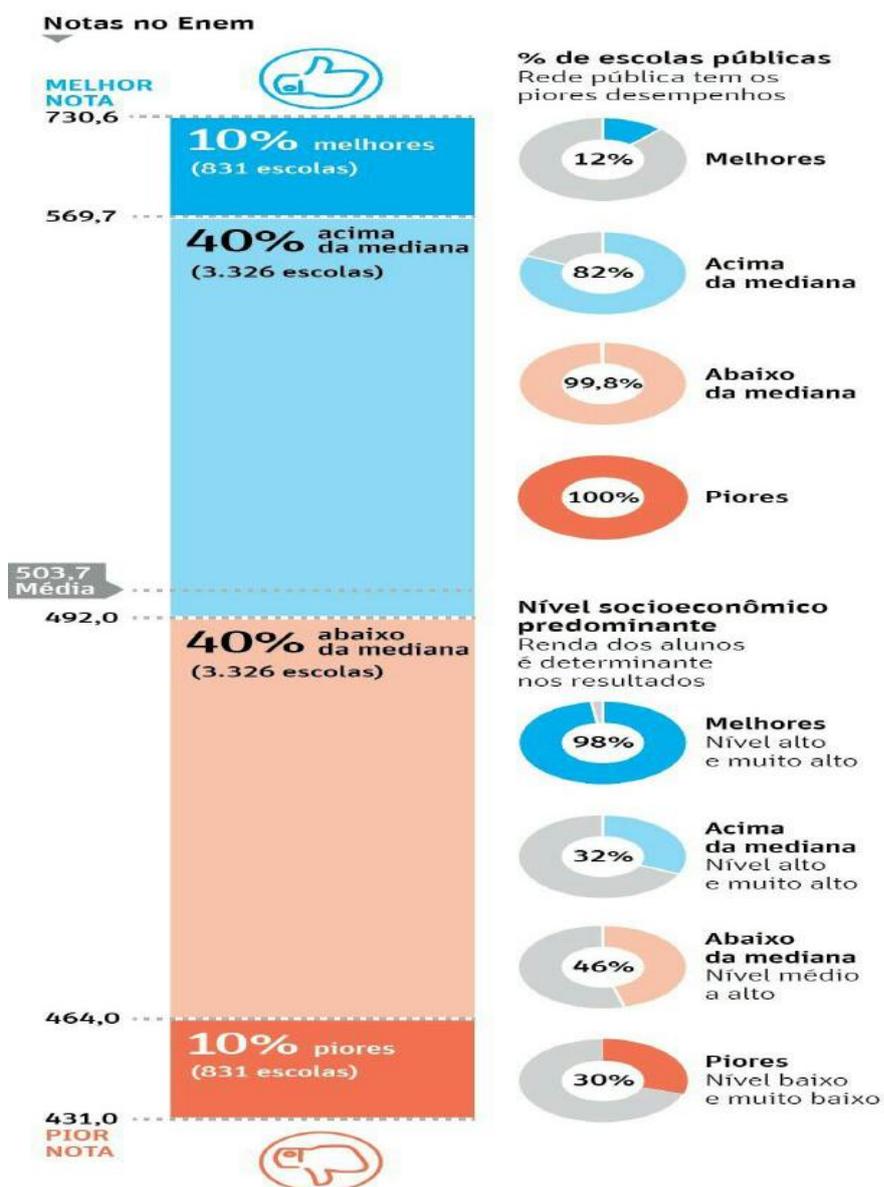
##### **IDEB 2015**

<b>5ºANO</b>	<b>9ºANO</b>
<b>C. M. Ayrton Senna – 4.6</b>	<b>IEPIC – 3.3</b>
Municipais em Niterói – 5.1	Estaduais em Niterói – 3.5
-	Estaduais no RJ – 3.7
Municipais no Brasil – 5.3	Estaduais no Brasil – 4.2
Privadas no RJ – 6.3	Privadas no RJ – 5.6
Privadas no Brasil – 6.8	Privadas no Brasil – 6.1

(Fonte: <http://ideb.inep.gov.br>, 2015)

O quadro acima apresenta o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)<sup>6</sup>, realizado em 2015. As escolas mais frequentadas pelas crianças e adolescentes do Projeto socioeducativo Casa Reviver encontram-se abaixo de todas as médias apresentadas. Historicamente, podemos ver que no Brasil, as escolas privadas tem se destacado nos rankings de qualidade de ensino. Ao passo que as escolas públicas (municipais e estaduais) tem cada vez mais sido precarizadas. A imagem abaixo, da folha de São Paulo, apresenta uma análise sobre o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2016 que explicita essa situação.

<sup>6</sup> “O IDEB é um indicador de qualidade educacional que combina informações de desempenho em exames padronizados (Prova Brasil ou Saeb) – obtido pelos estudantes ao final das etapas de ensino (5ª e 9º anos do ensino fundamental e 3ª série do ensino médio) – com informações sobre rendimento escolar (aprovação).” <http://ideb.inep.gov.br/> (acessado em 18/12/2017)



7

Um desafio colocado na construção de uma escola de qualidade é apontado por López como a capacidade que a instituição possui de se articular e se integrar com a comunidade onde ela se situa. A Casa Reviver acredita que essa é uma proposta frutífera. Durante os anos que a Reviver tem atuado no Morro, ela tem encontrado certa resistência por parte da E. M. Ayrton Senna de concretizar ações em parceria.

Tal integração se faz necessária para contornar questões como uma possível falta de preparo dos professores em receber alunos de uma realidade diferente da sua, uma expectativa depositada nos alunos para que eles já venham para a escola com condições mínimas para receberem o conteúdo preparado por uma relação hierárquica, entre outras.

#### **Indicador de desempenho individual: distorção idade X série**

<sup>7</sup> Imagem: <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2017/12/1942568-somente-1-em-cada-10-escolas-da-elite-nacional-do-enem-e-da-rede-publica.shtml> (acessado em 19/12/2017)

<b>2016</b>		
IDADE:	DISTORÇÃO IDADE x SÉRIE	SEM DISTORÇÃO
5	-	-
6	-	4
7	-	6
8	1	4
9	2	6
10	4	4
11	2	11
12	3	4
13	4	3
14	1	-
15	2	-
16	-	-
17	1	1
Creche	-	-
<i>1 resposta em branco</i>	-	-
Total =	<b>20</b>	43

(Fonte: questionário aplicado junto aos pais dos alunos, Casa Reviver, 2016)

<b>2017</b>		
IDADE:	DISTORÇÃO IDADE x SÉRIE	SEM DISTORÇÃO
5	-	1
6	-	4
7	4	9
8	2	10
9	2	-
10	7	7
11	3	5
12	2	11
13	4	-
14	4	1
15	2	1
16	-	-
17	-	-
<u>2 Creches</u>	-	-
<i>Resposta em branco</i>	-	-
Total =	<b>30</b>	49

(Fonte: questionário aplicado junto aos pais dos alunos, Casa Reviver, 2017)

As duas tabelas acima nos apontam respectivamente **31,25%** e **37,03%** de taxa de distorção idade-série. Vemos que entre os 64 alunos matriculados em 2016, 20 não estavam na série correspondente a sua idade; e entre os 81 de 2017, 30 estavam nessa posição. Dois elementos que configuram essa distorção são repetência (a maior parte dela) e entrada tardia na escola.

Durante toda a construção desse artigo, foi apresentado dados acerca das crianças e adolescentes da Casa Reviver, sobre o próprio Projeto, sobre os responsáveis por esses alunos, sobre suas habitações e sobre o bairro Morro do Estado. Esses elementos pretenderam construir a trajetória dos alunos analisados, a fim de podermos entender quais são os atributos que esses estudantes carregam consigo quando vão para a escola. López afirma que eles carregam “pertencimento social”, modo de vestir, de falar, de se comportar entre outros. (2008, p.333)

Dados como renda, escolaridade, profissão dos pais, local de habitação entre outros que foram apresentados acima, compõem a trajetória de obtenção de múltiplos capitais que o aluno adquire; criando assim o background dos processos educacionais que ele irá passar. É preciso ter em mente, então, que os capitais que as famílias possuem vão influenciar drasticamente o desempenho escolar das crianças e adolescentes. O background dos alunos da Casa Reviver seria, como vimos, de pais com baixa renda e empregos não valorizados, com pouco grau de escolaridade, de habitações com muitas pessoas etc.

Reafirmo aqui que o papel que a família exerce vai além da manutenção financeira do aluno na escola, como acredito já ter sido manifestado ao longo do artigo. O contexto cultural dos pais é determinante do lugar que as crianças e adolescentes vão ocupar na sociedade.

Durante a vivência na Casa Reviver, nos deparamos com traços do dia-a-dia das crianças e adolescentes que certamente as Escolas apontadas aqui também enfrentam. Sejam crianças com fome, criança com higiene precária, crianças cansadas pelo caminho percorrido entre os becos e vielas, crianças com poucos recursos materiais, crianças que não tem seu desenvolvimento acompanhado por seus responsáveis, crianças que moram em casas onde não há um lugar próprio para fazerem seus deveres de casa, crianças que não são ouvidas, crianças que vivenciam violência doméstica...

Todos esses fatores contribuem fortemente com desempenho que esses alunos terão na sua educação. E estão intimamente ligados com a segregação que vivenciam e com os estigmas que carregam. Podemos concluir então que, quanto mais segregada, mais pobre e quanto mais distante de uma família considerada “estável”; a criança e o adolescente terão mais dificuldade no seu processo educacional. Reforçando aqui a necessidade urgente da escola ser repensada para que a educação atinja seu potencial transformador.

Em concordância com os autores expostos que defendem que a educação tem uma base territorial, concluo que o que foi exposto nesse artigo conforma a base das condições de aprendizado em que se encontram os alunos da Casa Reviver. E mais, que tais condições do acesso ao conhecimento expostas aqui denunciam uma situação de desigualdade social.

*“Qual é o mínimo de bem-estar necessário para que as crianças e adolescentes possuam os recursos materiais, culturais e de atitude que o processo educacional lhes exige?”* Indaga Néstor López (2008 p.334). Esse artigo não tem a pretensão de traçar esse mínimo, mas podemos afirmar, através do que foi exposto, que a Casa Reviver certamente tem se esforçado em diminuir as desigualdades para seus alunos alcança-lo. Ela trata a cultura familiar e fomenta o desenvolvimento da cultura escolar.

**Referência Bibliográfica:**

BOURDIEU, Pierre. “*Efeitos do Lugar*” In: Bourdieu, P. (Coord.) *A Miséria do Mundo*. Petrópolis. Vozes. 1997.

KAZTMAN, Ruben e RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. (Org.) “*Introdução*” In: *A Cidade contra a Escola? Segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina*. Rio de Janeiro. Letra Capital. 2008.

NÉSTOR, López. “*A escola e o bairro. Reflexões sobre o caráter territorial dos processos educacionais nas cidades.*” In: Kaztman, R. e Ribeiro, L. *A Cidade contra a Escola? Segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina*. Rio de Janeiro. Letra Capital. 2008.

PARK, Robert Ezra. “*A Cidade: Sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*” In: Velho, O. (Org.) *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro. 1967.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. “*Prefácio*” In: Wacquant, L. *Os Condenados da Cidade – estudos sobre marginalidade avançada*. Rio de Janeiro. Revan. 2001.

SIMMEL, Georg. “*A Metrópole e a vida mental*” in: Velho, O. (Org.) *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro. 1967.

VELHO, Otávio Guilherme. (Org.) “*Introdução*” In: *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro. Zahar. 1967.

WACQUANT, Loïc. “*Os Condenados da Cidade – estudos sobre marginalidade avançada.*” Rio de Janeiro. Revan. 2001.

**Anexo – Fotos de passeios realizados pela Casa Reviver de 2009 até 2017:**







